

*Broken
Heart*

J O H N F E L L I X

*Broken
Heart*
CORAÇÃO PARTIDO



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

Copyright © John Fellix, 2014

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
John Fellix

PREPARAÇÃO
Nadja Moreno
Bianca Gulim

REVISÃO
Jadna Alana

CAPA
Adriana Brazil

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Fellix, John

Broken Heart / John Fellix. – 2ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-20-6

1. Ficção brasileira 2. Romance 3. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

Para todas as pessoas que já tiveram o coração partido...
— Meu anjo Noturno irá lhes confortar a alma.

... E se você ainda está respirando, está entre os sortudos.
Porque a maioria de nós está ofegando com pulmões danificados...

... E se você ainda está sangrando, está entre os sortudos.
Porque a maioria dos nossos sentimentos estão mortos e foram embora...

... E se você está apaixonado, então você é um sortudo.
Porque a maioria de nós está sofrendo por alguém...

“Youth”, Daughter



Prólogo

Meus braços queimam devido ao esforço para continuar na superfície. Rodeada pela água, sem qualquer possibilidade de apoio, estou jogada à própria sorte no meio do oceano.

O medo do desconhecido me domina. Apesar da calma ao meu redor e da ardência nos olhos, tento ao máximo enxergar além da escuridão; tudo indica que estou sozinha, mas sinto uma presença maligna se aproximando cada vez mais.

Meus sentidos me dizem que há alguém à espreita, na imensidão dessas águas. Esperando-me, desejando minha morte.

Isso não é real. Isso não é real. Busco pela consciência e de alguma forma sei que é só mais um pesadelo, mas meu medo é sempre tão intenso que é impossível não entrar em pânico. A sensação de terror cresce, e a estranha certeza de que estou sendo observada toma conta de mim.

Como isso pode estar acontecendo? Como vim parar aqui outra vez? Outra vez?! Já estive aqui antes? As perguntas surgem na minha mente, mas as ignoro.

Tenho de fugir, nadar, encontrar um lugar para ficar a salvo, e o mais rápido possível.

Dou algumas braçadas, quebrando o silêncio ao meu redor, mas paro quando escuto um barulho vindo da escuridão; um som agudo e abafado, indecifrável, algo que eu nunca tinha escutado antes. As batidas do meu coração aceleram, e já não sei se estou tremendo de frio ou de pavor.

Com o único lampejo de esperança, tento mais uma vez me convencer de que controlo o sonho, que nada é real, mas falho. Os pensamentos confusos e assustadores tornam minha mente turva, exatamente como estas águas.

É sempre igual...

Sei que tenho de gritar, mas minha voz não sai, por mais que eu me esforce...

Como se alguém a tivesse tirado de mim.

Sinto mãos geladas me tocarem e, em um ato de desespero, abro a boca, na tentativa frustrada de gritar. Entretanto, não há som. Apenas água me tomando, invadindo minha boca, possuindo-me cada vez mais.



Sem que eu possa notar como, estou sendo puxada para baixo, para as profundezas...

Tento manter a calma para não perder o último fôlego que me resta. Luto desesperadamente para voltar à superfície, mas não consigo mover minhas pernas. Parecem estar amarradas, envolvidas por algas marinhas. Continuo tentando de todas as formas possíveis subir, mas, de algum modo, sei que é impossível.

Não quero morrer. Não quero morrer.

A adrenalina proporcionada pelo pavor me impulsiona para subir à superfície. Consigo me soltar da força invisível que me tragava para o abismo e me forço a nadar. Meu nado é desesperado e a sensação de que estou me afogando é real demais para ser ignorada.

Estou sufocando! Mas... estranhamente liberta.

Estou me asfixiando no oceano de emoções em que meu coração se transformou. Porém, não posso esperar por ajuda, por uma salvação que nunca veio; meu tempo é precioso, então continuo lutando. De repente, sinto um alívio enorme. Estou prestes a chegar à superfície — sei disso porque vejo uma luz a poucos metros.

Sim, é real! É como se tudo que me prendesse antes estivesse finalmente me deixando ir.

Meu corpo se direciona para aquele único ponto de luz existente. A luz tem de me tomar, tem de me domar, tem de me consumir em chamas.

Estou renascendo. Ascendendo. Sou uma estrela em ascensão...

Há dezessete anos, tenho o mesmo sonho.

O mesmo e terrível sonho.

Em que estou me afogando na minha própria escuridão.

ADAM

Sinto meu corpo se projetar para o alto. As batidas do meu coração ainda estão aceleradas enquanto meus olhos queimam, tentando se adaptar ao ambiente, que começa a ser iluminado pelo sol; o despertador está soando seu alarme estridente.

Estamos no quarto, estamos no quarto, meu inconsciente registra a informação conforme ainda estou tentando me acalmar.

O sonho do mar infinito é algo distante, bem diferente do vazio que sinto.

Tento afastar o medo disso tudo se tornar realidade, e assim o faço, mesmo ignorando o aviso vindo do meu íntimo dizendo que algo ruim está prestes a acontecer. Sei que vou acabar ficando louca caso continue dando atenção ou pensando sobre isso. *É só mais um sonho ruim. Nada novo, nada que você não saiba como termina, nada com o que não está acostumada.*

Sento-me na cama, estico todo o meu corpo e consigo ouvir até mesmo alguns estalos... *É assustador como esse sonho sempre consegue acabar comigo.*

Coloco um pé no chão frio num ritual costumeiro para tentar acabar de vez com os resquícios do pesadelo, e mesmo assim continuo sonolenta. Acordar não é difícil; o complicado é me levantar.

O meu rádio-relógio continua apitando. Desligo-o com uma batida de mão e, ao fazer isso, noto que ao fundo escuto de forma bem abafada Amy Lee, do Evanescence, cantando *My heart is broken*. Passo a mão em meio as cobertas e vejo que deixei o celular ligado a noite inteira, outra vez.

Depois de alguns minutos, ainda estou sentada, sonolenta e, provavelmente, com os cabelos desgrehados, além de me sentir um lixo. Percebo que, se não me levantar, vou cair no sonho novamente, então me forço a deixar a comodidade de minha cama e me levanto. Ao ficar de pé, acabo — sem querer — encarando meu reflexo no espelho, entrando no dilema sobre minha cor “pálida e sem graça”.

Acho que esta é a primeira vez em um mês que paro realmente para reparar em mim mesma, pois, comparada às outras garotas, sou um pouco desleixada. Há algum tempo deixei de me arrumar para me poupar de ser avaliada... Seja pelas pessoas que iriam me criticar de qualquer maneira ou para agradar os demais, que de fato

não merecem esse esforço. Agradar quem não me merece não é o meu propósito e acho que não deveria ser o objetivo de ninguém...

Fito meus cabelos, e me perco em pensamentos enquanto os analiso. São de um tom vermelho-queimado, com as pontas mais claras; uma mistura de cores difícil de descrever. Quando quer, é meio castanho, e às vezes assume um tom terroso, envelhecido. É liso e ao mesmo tempo volumoso e ondulado. Ou seja: uma bagunça, como todo o resto em mim.

E não para por aí: parece que tudo em mim é dúbio, pois a cor de meus olhos oscila entre o azul e o esverdeado.

Pobre garota estranha. Sem saber se herdou os olhos da mãe, ainda imaginando como ela é, a minha cabeça sinaliza.

Muitas vezes, pego-me pensando nisto: se tenho os olhos da minha mãe, ou quem sabe o nariz do meu pai, mas essa é só mais uma fantasia infantil; vivo imaginando como seria minha família biológica. Será que tenho um irmão? Talvez mais de um!

Já me questionei muito sobre isso, mas hoje até que aceito bem e não reclamo da vida. Pelo menos não com tanta frequência como quando tinha sete anos de idade.

Cresci em um abrigo e minha história não é muito diferente das demais crianças que acabavam ali: entregues logo após o parto, resgatadas de algum lar problemático, órfãos devido a um trágico acidente, encarcerados devido a problemas idiotas com a imigração... ou, como o meu caso, largada em alguma porta antes do amanhecer.

No final do dia, estávamos todos sobre a responsabilidade de algum assistente social trabalhando para o governo.

A maioria tinha algum documento, um histórico, mas eu — *para variar* — tinha de ser diferente: cheguei com quase nenhuma informação.

Com o passar do tempo, essas lacunas foram ficando cada vez maiores. Ninguém apareceu à minha procura e as buscas também não tiveram resultados; de fato, era como se eu não existisse naquela realidade. No fim, tive de entrar no sistema, tornar-me alguém.

Para a escolha do meu nome e da data de “nascimento”, foram usadas como base as únicas “informações” que estavam inscritas em uma plaquinha presa a uma pulseira que carrego comigo desde que me entendo por gente: um nome e uma data. “Claire” veio do nome “Clarus”, da qual não sei até hoje o significado; pelas contas feitas na época, a data parecia bater com o meu nascimento. Dia 27 de maio, data que me faz ser do signo de gêmeos.

Reviro os olhos por um momento ao passar os dedos em torno da inscrição, sentindo cada número e letra entalhados ali.

Você não cansa de se martirizar toda manhã por causa disso? Até quando vai pensar no passado? A voz parece estar mais agitada esta manhã.

Volto a fitar a pulseira, que foi adaptada para caber em meu pulso hoje em dia. Sinto-me dividida sobre os sentimentos revividos sempre que sou invadida pelos pensamentos sobre meu passado; esse misto de emoção sempre mexe comigo.

Dane-se!

Levo o pulso de encontro à boca e, usando os dentes, abro o pequeno fecho para tirar a pulseira e jogá-la na primeira gaveta do meu móvel de cabeceira. Penso na terceira lei de Newton.

Não é a primeira vez que essa pulseira me traz pensamentos como este, mas é a primeira vez que me desvencilho dela, determinada a não usar mais.

Não quero que isso soe como uma nova reclamação, mas o fato é que crianças sem histórico normalmente não são as favoritas para serem adotadas. Conhecer sua origem, por mais terrível que ela seja, ainda é um ponto de partida; não ter nada é algo complicado de se administrar, e isso inevitavelmente acaba afastando as pessoas, por mais “fofa”, “divertida”, “peculiar”, “falante” ou “inteligente” que você seja.

Aos dez anos, fui viver com minha primeira tutora, Joy. Conhecê-la foi algo extraordinário. Ela era uma pessoa extremamente adorável, inteligente, atenciosa e divertida. Tinha quase idade para ser minha mãe, mas era como se fosse uma irmã mais velha. Lembro-me perfeitamente de como dançávamos de meias, ou de quando deslizávamos pelo corredor. Todo dia era uma festa, como em um perfeito conto de fadas.

Mas, ironicamente, a vida sempre tem um jeito peculiar de nos surpreender.

Sim, citei Alanis Morissette; *Ironie*, a música favorita de Joy.

Tudo mudou quando, depois de três anos juntas, ela ficou doente. Inicialmente, Joy tentou me esconder a verdade, mas acabei descobrindo. Ela ficou muito frágil; no primeiro ano desde a descoberta da doença, mesmo cansada, mantinha sempre um sorriso no rosto, sempre positiva, acreditando no melhor.

Nessa época, eu estudava e trabalhava como aprendiz em uma pequena editora do mercado alternativo que ficava no centro de Seattle, mas abandonei tudo para poder ficar ao lado dela.

No segundo ano desde a descoberta, tivemos de enfrentar os dias mais difíceis. Inicialmente, ela teve de ser transferida para um hospital devido ao uso intensivo de medicamentos para controlar as crises e dores, muitas delas ainda causadas pela terrível quimioterapia. Joy tinha um espírito forte, mas eram nessas ocasiões que realmente se abatia. Chorava e, em alguns momentos de delírio, até mesmo desejava a morte.

O câncer transforma as pessoas; ele não acaba apenas com o corpo, mas também vai lentamente corroendo sua essência, até chegar ao ponto de você não se reconhecer mais.

Algumas vezes, eu tinha vontade de correr, fugir, mas seria incapaz de sair do seu lado. Eu já não a amava apenas como tutora, amiga ou irmã. Sem medo algum, posso dizer que já a amava como se fosse minha mãe.

Ela tinha se tornado a mãe que nunca tivera. Era minha única família, e eu não iria abandoná-la, por mais recomendável que fosse, por mais que ela insistisse, por mais difícil que fosse vê-la sofrer dia após dia. E foi exatamente assim que os eventos se desenrolaram.

O tratamento não obteve efeito, e Joy se acendeu como uma árvore no Natal; o câncer tinha se espalhado por todo o corpo. Ele a estava consumindo lentamente, e

não havia nada que poderíamos fazer. Independentemente da velocidade da nossa corrida, ele sempre estaria na linha de chegada. Ele venceria.

Sem mais saídas, acompanhei a transferência dela para uma “casa de repouso”, uma clínica particular onde as pessoas como ela iriam para morrerem com menos sofrimento possível e com mais tranquilidade.

Naqueles últimos momentos, em seus raros dias bons, Joy usava toda sua energia para me ensinar algo. Ensinou-me a não levar a vida tão a sério, mas ainda sim ter seriedade perante os meus sonhos. Ela me ensinava a aproveitar os pequenos momentos felizes de um dia simples. Fez eu prometer que não deixaria comentários supérfluos de pessoas sem significado na minha vida serem levados em conta.

Ela me ensinou até mesmo a gostar dos detalhes que eu julgava serem os mais banais, como o calor do sol, o aroma das flores, um sorriso inesperado e até mesmo o valor de uma simples xícara de café quentinho. Como ótima fotógrafa que era, em todos os momentos oportunos ela tentava me ensinar a apreciar e registrar a beleza das pequenas coisas.

Joy sempre teve esperanças; não em sua cura milagrosa, pois já não sonhava mais com o seu futuro. Suas esperanças se resumiam a mim.

Durante todo o tempo em que passei ao seu lado, eu tentava demonstrar que estava bem, que seria a garota forte que ela acreditava existir escondida em algum lugar. Só que, bem lá no fundo, eu sabia o que estava prestes a acontecer, e sei que ela também sabia: sua partida destruiria meu coração.

Às vezes, acho que Joy só sorria para me fazer feliz, para mostrar que, mesmo com toda aquela dor e aquele sofrimento, ambas ficaríamos bem...

Ah... como eu queria poder contar que, no fim, foi assim mesmo que tudo terminou. Como queria que essa parte da história fosse diferente.

Mas aquela foi a primeira vez na vida que percebi que, sim, tragédias acontecem a pessoas boas... Percebi isso quando o inevitável nos alcançou.

Eu tinha quinze anos quando Joy faleceu. Nunca pensei que poderia sentir tamanha dor nem que ela pudesse ser tão intensa.

Tinha acabado de chegar na clínica; estava um pouco atrasada, pois tinha parado no caminho para comprar um arranjo de girassóis para surpreendê-la.

Devido ao meu atraso, tive de me identificar novamente na recepção. Assim que atravessei o corredor onde Joy estava internada, escutei a correria e mesmo a distância consegui ver alguém entrar às pressas com o carrinho do desfibrilador em seu quarto.

Minhas pernas ficaram bambas enquanto via uma enfermeira correndo em minha direção na intenção de me impedir. Minha mão soltou o vaso de flores, que se partiu em pedaços enquanto seguia em direção ao quarto.

Na porta, meus olhos tentaram contabilizar o número de médicos no local.

Todos tentando fazer algo por ela.

Todos lutando para mantê-la conosco.

Todos falando algo ao mesmo tempo, mas meu cérebro só conseguia identificar o som do monitor cardíaco.

Senti as lágrimas descendo pelo meu rosto em resposta a cada carga de energia que atravessava o corpo de Joy, fazendo-o pular na maca, sem nenhum resultado, mantendo aquela linha totalmente finita.

Em um minuto, ela estava ali, viva, e depois simplesmente deixou de existir.

Desapareceu. Deixando-me sozinha.

Não guardei a lembrança de como saí do local. Só recobrei a consciência a uns sete quarteirões dali; estava totalmente molhada, desesperada e ofegante.

Naquele momento, parecia que até mesmo o dia sentiu a perda de tão especial existência: o céu ficou mais escuro do que era possível e choveu como se o oceano estivesse desabando sobre todos, e mais ainda sobre mim, derrubando suas lágrimas sobre um mundo que se tornaria mais cinza sem Joy.

Corri para tentar afugentar o vazio que crescia dentro de mim, mas não adiantou, pois sabia que ele estaria sempre presente, até o fim dos meus dias. A dor nunca passaria. A saudade, a lembrança e o sentimento da perda são eternos.

Desabei na chuva e me entreguei àquele momento; pela primeira vez desde que ela ficara doente, deixei o desespero me consumir.

Quando o coração dela parou de bater, senti como se o ar tivesse parado de alcançar meus pulmões. Sei que era errado desejar que ela voltasse, que continuasse ali, aguentando as pontas por mim, apenas pelo apego egoísta de não querer me sentir sozinha. Temendo voltar a ser a garotinha questionadora, solitária e rejeitada que fui durante a minha infância inteira.

Depois de passar pelo velório e pela dolorosa volta à nossa casa, onde tive de, sozinha, enfrentar as questões deixadas por Joy. Sentia que nunca mais seria a mesma.

A dor tinha seus picos de altos e baixos, e os momentos mais difíceis foram os que tive de separar suas roupas, livros, objetos, e colocar tudo em caixas, etiquetando as poucas coisas que eu não mandaria para doação, pois levaria para sempre comigo, para manter a memória dela sempre viva em mim.

Depois de limpar e empacotar tudo o que era meu, fui mandada para um novo abrigo temporário. Não tinha ânimo para fazer nada; era praticamente forçada a me alimentar. Não desfiz minhas malas, pois não queria ficar ali; queria apenas me juntar a Joy. Mantive-me nesse estado, inerte, por vários dias e não fazia ideia do que seria feito da minha vida, porém logo fui notificada de que o Estado me mandaria para os cuidados de outra tutora.

Não entendi como eles conseguiram tudo tão rápido. Quando questionei, a conselheira me informou que Joy havia sido a responsável: ao descobrir a doença e saber que talvez não sobreviveria, conseguira um novo lar para mim após avaliar muitas fichas...

Mesmo depois de partir, ela continuava guiando minha vida.